

# A HUMANIZAÇÃO DO SER HUMANO EM PAULO FREIRE: A BUSCA DO “SER MAIS”

**EBENEZER DA SILVA MELO JÚNIOR<sup>14</sup>**  
**MARLICE DE OLIVEIRA NOGUEIRA<sup>15</sup>**

## **RESUMO**

A compreensão de Paulo Freire sobre a Humanização do Ser Humano constrói-se como ontologia do ser. Ele entende que o ser humano é um ser inacabado em processo constante de humanização. Para Freire Educação Libertadora é igual à humanização do ser humano. Neste sentido, busca-se apresentar como o conceito de humanização em Paulo Freire é base de seu projeto para uma Educação Libertadora. Demonstra-se como Freire reconheceu a oposição histórica entre Humanização e Desumanização dos seres humanos bem como o caminho que ele indicou para a construção de uma Educação Libertadora, isto é, a passagem de uma consciência ingênua a uma consciência crítica capaz de tornar os educandos sujeitos do processo educativo bem como de sua própria história.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Humanização, conscientização, diálogo.

---

14. Mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Docente do Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix. E-mail: ebenezerjr@uol.com.br

15. Doutora em Educação pela UFMG. Docente do Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix. E-mail: marlice.nogueira@izabelahendrix.edu.br

## **ABSTRACT**

The comprehension of Paulo Freire about the Humanizing of the Human Being is built as an ontology of the being. He understands that the human being is not complete yet and is in a constant process of humanizing. In Freire's point of view, a Freeing Education is like the humanizing of the human being. In this sense, we aim at presenting how the humanizing concept in Paulo Freire is the base of his project for a Freeing Education. We show how Freire recognized the historical opposition between Humanizing and Dehumanizing of human beings, as well as the way he indicated for the construction of a Freeing Education, that is, the passage from naive awareness to a critical one capable of transforming the learners in the subject of the educational process as well as their own history.

## **KEYWORDS**

Humanization, awareness, dialogue.

## INTRODUÇÃO

O utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão a utopia é também um compromisso histórico (FREIRE, 1980, p. 27).

Tendo em vista minha formação teológica, na leitura dos textos de Paulo Freire chamou-me a atenção sua preocupação com a condição do ser humano, isto é, o reconhecimento de que este se encontra num processo constante de devir. O ser humano não pode ser considerado como uma realidade pronta, acabada, mas sim como um ser em busca constante de autorrealização e crescimento, o que pode ser identificado com o seu processo contínuo de humanização.

Na busca de apresentar como Paulo Freire compreendeu e descreveu esse processo contínuo de humanização será discutida, inicialmente, a questão da vocação ontológica dos seres humanos: serem mais. A essa vocação, Freire identificou como o próprio processo de humanização dos seres humanos. Mas, ao lado desta, ele apresentou a distorção dessa vocação, isto é, a desumanização presente na história dos seres humanos.

Para que seja vencida a situação de desumanização dos seres humanos torna-se necessário um processo de educação dos mesmos de tal forma que eles possam tomar consciência de sua condição de seres desumanizados e partirem na busca de sua humanização. Nesse sentido, apresenta-se o Processo de Conscientização e Diálogo através do qual os seres humanos poderão tornar-se sujeitos no processo educativo, bem como na construção de sua humanidade. Antes, porém, será apresentado como Freire definiu os possíveis estados da consciência.

Entende-se que somente através de um processo de Conscientização e Diálogo, o qual compõe o que Freire denominou como Educação Problematizadora, os seres humanos poderão deixar de serem tratados como coisas, para transformarem-se plenamente em pessoas conscientes de si e de seu papel histórico no mundo. Entende-se que esse projeto não seja algo dado, mas sim, algo a ser construído de forma conjunta entre educadores e educandos.

### **“SER MAIS” – A BUSCA DE AUTORREALIZAÇÃO COMO PROJETO DE HUMANIDADE.**

Neste primeiro tópico, será apresentada, inicialmente, a concepção da vocação ontológica dos seres humanos, isto é – o “ser mais”. Uma vez que se assuma a vocação dos seres humanos para um processo contínuo de sua humanização será descrito o oposto desse processo que é a desumanização dos seres humanos. Entende-se que essa desumanização se faz presente na história dos seres humanos e convoca-nos a um posicionamento diante dela. Postula-se finalmente a necessidade da libertação dos seres humanos de sua condição de desumanizados através da passagem da consciência ingênua a

uma consciência crítica que os possibilita a sair de sua condição de passividade e tornarem-se sujeitos de sua própria história. Nesse sentido, é que se buscará, no próximo tópico, apresentar a concepção freireana do homem e do mundo e da relação estabelecida entre eles.

## **“SER MAIS” – A VOCAÇÃO ONTOLÓGICA DOS SERES HUMANOS**

Apresenta-se aqui a concepção freireana da vocação ontológica dos seres humanos: serem mais. Ao mesmo tempo, busca-se demonstrar como a partir dessa vocação se estabelece a relação entre os seres humanos e o mundo no qual se encontram inseridos.

Na busca de apresentar o conceito de humanização presente nos escritos de Paulo Freire, Mendonça considera que este recebeu influência de três vertentes do humanismo: o humanismo existencialista, o humanismo cristão e o humanismo marxista (MENDONÇA, 2008, p. 21-37).

Na perspectiva do humanismo existencialista, Mendonça entende que “Freire considera a ideia de que o ser humano é um ser no mundo, que a sua existência social passa a ser reconhecida a partir do momento em que ele capta pela sua consciência crítica a própria realidade” (MENDONÇA, 2008, p. 27). Nesse sentido, Freire afirma que ao contrário dos animais que são “seres em si mesmos”, os seres humanos são “seres para si”. E que são desumanizados quando submetidos a processos que os tornem em “seres para o outro” (FREIRE, 1969, p. 127). Freire aponta ainda que os seres humanos não são seres que apenas existem no mundo, mas que estão em plena relação com este mundo, e dessa forma são capazes de tomarem consciência de si e do mundo (FREIRE, 1982, p. 65). Para Freire (1982, p. 66), “enquanto que o ser que simplesmente vive não é capaz de refletir sobre si mesmo e saber-se vivendo no mundo, o sujeito existente reflete sobre sua vida, no domínio mesmo da existência e se pergunta em torno de suas relações com o mundo”.

Freire aponta como características principais da existência humana, sua condição de inacabamento e a capacidade que tem de reconhecer e transformar essa condição, através do processo educativo:

*Na verdade, diferentemente dos outros animais, que são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens se sabem inacabados. Têm a consciência de sua inconclusão. Aí se encontram as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na inconclusão dos homens e na consciência de dela têm (FREIRE, 2005, p. 83-84).*

Dessa forma, demonstra-se que a influência do humanismo existencialista fez como que Paulo Freire afirmasse que o educando não deve ser visto apenas como objeto do processo educativo, mas também como sujeito (PEÑALONZO, 1996, p. 574).

Na perspectiva do humanismo cristão, para Mendonça (2008, p. 32) Freire incorpora a categoria da utopia. Segundo ele Freire entende a

*utopia como o realizável, aquilo que pode se concretizar. Para ele utopia implica denúncia da desumanização e anúncio da humanização, constituindo-se, portanto em práxis. Uma práxis caracterizada por uma dimensão profética. Essa ideia de utopia não pode ser compreendida sem o sentido da esperança, como condição da busca humana devido à sua condição de inacabamento (MENDONÇA, 2008, p. 32).*

Gadotti entende, a partir da análise profunda da obra freireana, que se a educação visa a libertação, esta deve estar fundada sobre uma visão utópica, tanto da sociedade quanto do próprio papel da educação:

*A educação deve permitir uma leitura crítica do mundo. O mundo que nos rodeia é um mundo inacabado e isso implica a **denúncia** da realidade opressiva, da realidade injusta, inacabada, e, conseqüentemente, a crítica transformadora, portanto, o anúncio de **outra** realidade. O anúncio é a necessidade de criar uma nova realidade. Essa nova realidade é a utopia do educador (GADDOTI, 1996, p. 81).*

É nesse sentido que Freire postula a sua Pedagogia da Esperança, pois para ele “não há utopia verdadeira fora da tensão entre a denúncia e o anúncio de um futuro a ser criado, construído, política, estética e eticamente, por nós, mulheres e homens” (FREIRE, 1992, p. 91).

Mendonça apresenta ainda na perspectiva do humanismo marxista que Freire incorporou a filosofia da *práxis* que fundamenta a atividade revolucionária marxista (MENDONÇA, 2008, p. 36). Ao fazê-lo, Freire considera a *práxis* como “reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo... Sem ela é impossível a superação da contradição opressor-oprimido” (FREIRE, 2005, p. 42).

Ainda que Freire não tenha se tornado plenamente marxista, ele se apropriou das ferramentas de análise do pensamento de Marx, e, assumindo as categorias de opressor/oprimido ele demonstrou a situação histórica de dominação existente entre os seres humanos (JARDILINO, 2008, p. 49).

Partindo da compreensão do ser humano como um ser inacabado, um ser em processo constante de autoconstrução e que se faz presente no mundo, Freire aponta as possíveis relações entre o ser humano e o mundo no qual ele se estabelece:

*Se, para uns, o homem é um ser da adaptação ao mundo (tomando-se o mundo não apenas em sentido natural, mas estrutural, histórico-cultural), sua ação educativa, seus métodos, seus objetivos, adequar-se-ão a essa concepção. Se, para outros, o homem é um ser de transformação do mundo, seu quefazer educativo segue um outro caminho. Se o encararmos como uma “coisa”, nossa ação educativa se processa em termos mecani-*

*cistas, do que resulta uma cada vez maior domesticação do homem. Se o encararmos como pessoa, nosso quefazer será cada vez mais libertador (FREIRE, 1967, p. 124).*

Fiori, no prefácio da *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 2005, p. 22), sintetiza a compreensão freireana dessa relação entre os seres humanos e o mundo: “Em linguagem direta: os homens humanizam-se, trabalhando juntos para fazer do mundo, sempre mais, a mediação de consciências que se coexistenciam em liberdade”.

Calado sintetiza claramente a visão freireana de ser humano:

*Feito para o **ser mais**, o ser humano é ontologicamente chamado a desenvolver, nos limites e nas vicissitudes de seu contexto histórico, todas as suas potencialidades materiais e espirituais, buscando dosar adequadamente seu protagonismo no enorme leque de relações que a vida lhe oferece, incluindo as relações **no mundo e com o mundo**, as relações intrapessoais, interpessoais, estéticas, de gênero, de etnia e de produção (CALADO, 2001, p. 52)*

Em síntese, segundo Freire, não é possível pensar uma teoria pedagógica que não esteja atrelada à compreensão que se tem do homem e do mundo (FREIRE, 1967, p. 124). Ao mesmo tempo, deve-se ter claramente como se estabelecem as relações dos homens no e com o mundo. E ao fazê-lo reconhecem-se as condições de opressão em que se encontra boa parte da humanidade. Por esse motivo, torna-se necessária uma compreensão da educação como projeto libertador e que esteja fundada sobre a ideia de uma utopia possível.

Uma vez assumida a vocação ontológica dos seres humanos – serem-mais será apresentada no próximo tópico em oposição a esta, a distorção dessa vocação o ser-menos, isto é a desumanização.

## **HUMANIZAÇÃO X DESUMANIZAÇÃO**

Pretende-se, neste tópico, apresentar a contraposição inicial estabelecida por Freire entre Humanização *versus* Desumanização e como essa contraposição aponta para a necessidade de se construir uma Educação que possibilite a libertação dos seres humanos de sua condição de seres desumanizados.

Ao tratar da questão de justificar a *Pedagogia do Oprimido* Freire aponta como questão central a colocação dos homens como problematizando a si mesmos: “o problema de sua humanização, apesar de sempre haver sido de um ponto de vista axiológico, o seu problema central, assume, hoje, caráter de preocupação iniludível (FREIRE, 2005, p. 31). Dessa forma indica-se que todo processo pedagógico deve partir da compreensão que o ser humano tem do próprio processo de humanização.

Ao assumir que o problema central da história presente da humanidade seja a humanização do ser humano Freire entende que logicamente isto se dá em contraposição à desumanização também presente, como segue:

*Constar essa preocupação implica, indiscutivelmente, reconhecer a desumanização, não apenas como viabilidade ontológica, mas como realidade histórica. É também, e talvez, sobretudo, a partir desta dolorosa constatação que os homens se perguntam sobre a outra viabilidade – a de sua humanização (FREIRE, 2005, p. 32).*

Freire entende que, reconhecendo a presença histórica da desumanização, essa não é a vocação dos homens, pois se assim o fosse, não haveria necessidade e nem possibilidade de se pensar a educação dos homens. Mas, pelo contrário, ele entende que a vocação do ser humano é a busca de sua própria humanização: a busca do “ser mais”, isto é: “o objetivo básico de sua busca, que é o ser mais, a humanização, apresenta-se-lhe como um imperativo que deve ser existencializado” (FREIRE, 1969, p. 127).

Dessa forma, Freire aponta os dois caminhos possíveis para a existência humana: humanização como vocação ontológica do ser e desumanização como distorção dessa vocação:

*Pois bem; se falamos da humanização, do ser mais do homem – objetivo básico de sua busca permanente – reconhecemos o seu contrário: a desumanização, o ser menos. Ambas, humanização e desumanização são possibilidades históricas do homem como um ser incompleto e consciente de sua incompleticidade. Tão somente a primeira, contudo, constitui a sua verdadeira vocação. A segunda, pelo contrário, é a distorção da vocação (FREIRE, 1969, p. 127).*

Neste sentido, Freire, na *Pedagogia do Oprimido*, reafirma que o processo de desumanização não pode ser considerado como uma nova vocação do ser humano, ao contrário, cedo ou tarde, aqueles que se encontram desumanizados se voltarão contra aqueles que os desumanizam não para desumanizá-los, mas, produzindo a própria libertação libertarem também aos desumanizadores de sua própria condição de desumanização (2005, p. 33, 37), dessa forma ele afirma que “aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores (2005, p. 33). Freire cita ainda Pierre Furter afirmando que “o humanismo consiste em permitir a tomada de consciência da nossa plena humanidade como condição e obrigação, como situação e projeto (FURTER apud FREIRE, 2005, p. 97).

Uma vez assumido que os seres humanos são seres em processo constante de humanização, mas que, ao mesmo tempo, devido às situações históricas específicas encontram-se desumanizados, o próximo passo será descrever como os seres humanos devem tomar consciência de sua própria condição de seres desumanizados e isto como o primeiro passo em direção à sua libertação.

Este processo de passagem da consciência intransitiva/consciência ingênua para a consciência crítica ocorre no processo de Conscientização<sup>3</sup> e Diálogo, isso é o que será discutido a seguir. Mas, antes serão apresentados os possíveis estados da consciência.

## OS NÍVEIS DA CONSCIÊNCIA HUMANA

Antes de se discutir como se dá a passagem da consciência ingênua à consciência crítica, será buscado, inicialmente, como Freire apresentou os possíveis níveis da consciência humana.

Freire apontou em 1959 dois possíveis níveis para a consciência humana. O nível da consciência intransitiva e o nível da consciência transitiva. Ao definir o primeiro nível, ele declara que a consciência intransitiva

se caracteriza pela quase centralização dos interesses do homem em torno de formas mais vegetativas de vida. Pela extensão de seu raio de apreensão de problemas a essas formas de vida, quase exclusivamente. Suas preocupações se cingem mais ao que há nele de vital, biologicamente falando. Falta-lhe historicidade, ou, mais exatamente, teor de vida em plano mais histórico. (FREIRE, 2003, p. 32)

Para Freire (1979, p. 39), “existe neste estado uma espécie de quase compromisso com a realidade. A consciência intransitiva, contudo, não é consciência fechada. Resulta de um estreitamento no poder de captação da consciência. É uma escuridão a ver ou ouvir os desafios que estão mais além da órbita vegetativa do homem.” Pode-se assim definir que o primeiro nível da consciência, ou seja, o de intransitividade. Em outro momento ele definiu esse mesmo nível como consciência “semi-intransitiva” (FREIRE, 1982, p. 72), provavelmente, já indicando que o nível intransitivo não pode ser entendido como imutável. Pelo contrário, esse estado não é, e não deve ser, estado permanente do ser humano. Pois, segundo Freire, independente do estágio em que se encontra o ser humano, ele é permanentemente um ser aberto. (FREIRE, 2003, p. 35).

Devido a essa abertura, inevitavelmente, haverá a passagem do primeiro estágio da consciência (intransitividade) para o segundo estágio da consciência (transitividade). Este estágio caracteriza-se por “por preocupações acima de interesses meramente vegetativos. Há uma forte dose de espiritualidade, de historicidade, nessas preocupações. Nessas circunstâncias, o homem alarga o horizonte de seus interesses. Vê mais longe.” (FREIRE, 2003, p. 32). Mendonça declara em sua interpretação dos textos freirianos que esta passagem acontece de forma automática “na medida em que aumentam os padrões de desenvolvimento econômico, cultural e de complexidade das relações sociais” (MENDONÇA, 2008, p. 99).

Contudo, ao assumir a condição de consciência transitiva, essa não é imediatamente entendida como consciência crítica, ao contrário, inicialmente, se



apresenta como consciência transitiva ingênua, e, muitas vezes mágica<sup>16</sup>. Se a passagem da consciência intrasitiva para a consciência transitiva ocorre devido a fatores sociais, econômicos e culturais, e, de forma automática, o mesmo não ocorre com a passagem da consciência transitiva ingênua/mágica para a consciência crítica. Para Freire esta passagem só pode ocorrer através de esforço educativo objetivado nesse sentido. Torna-se então necessário um “processo educativo de conscientização... .. um trabalho de promoção e crítica” (FREIRE, 1979, p. 39).

Estabelece-se assim qual deve ser o objetivo central do processo educativo que visa a humanização do ser humano: a promoção de uma consciência crítica capaz de pensar a si e os outros e agir em favor de si e dos outros visando a transformação da realidade. A promoção dessa consciência crítica acontece no processo de Conscientização<sup>17</sup> e Diálogo. No próximo tópico objetiva-se demonstrar como se constrói esse processo.

## **CONSCIENTIZAÇÃO E DIÁLOGO – A PASSAGEM DA CONSCIÊNCIA INGÊNUA À CONSCIÊNCIA CRÍTICA**

Este tópico tem como objetivo demonstrar, com base na obra de Paulo Freire, como deve acontecer, no processo educativo, a passagem da consciência ingênua à consciência crítica. Essa passagem se estabelece no processo de Conscientização e Diálogo, e este implica necessariamente em Denúncia e Anúncio. Isto é, denúncia de toda estrutura opressora e desumanizante e anúncio de uma nova estrutura humanizante como algo possível e viável (FREIRE, 1980, p. 27). É exatamente nessa passagem que se expressa o início da libertação dos seres humanos em direção à sua plena humanização.

Entendendo a *Pedagogia do Oprimido* como pedagogia humanista e libertadora, Freire pontua dois momentos centrais desta pedagogia:

*O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser pedagogia dos homens em processo permanente de libertação (FREIRE, 2005, p. 45).*

Torna-se necessário descrever como os oprimidos podem se tornar capazes de desvelar o mundo da opressão. Para Freire, ao se iniciar o processo de

---

16. Em Educação e Mudança Freire estabelece uma descrição das principais características da Consciência Ingênua e da Consciência Crítica. (FREIRE, 1979, p. 40-41).

17. Segundo Freire, muitos autores o consideram como aquele que teria forjado o vocábulo conscientização. Contudo Freire entende que o mesmo tenha sido criado por uma equipe de Professores do Instituto Superior de Estudos Brasileiros, nos idos de 1964 (FREIRE, 1980, p.25).

libertação de opressores e oprimidos é preciso criar no oprimido a consciência de sua própria condição de opressão. Isto é, Freire citando Marx-Engels declara que “a opressão real deve apresentar-se, contudo, ainda mais opressora, quando acrescenta-se-lhe a própria consciência da opressão”<sup>18</sup>.

Neste sentido, Freire acrescenta “a pedagogia do oprimido que, no fundo, é a pedagogia dos homens empenhando-se na luta por sua libertação, tem suas raízes aí. E tem que ter, nos próprios oprimidos, que se saibam ou comecem a saber-se oprimidos, um dos seus sujeitos (2005, p. 45).

Na perspectiva da utopia presente no humanismo cristão, Freire indica que essa utopia exige daqueles que a buscam um conhecimento crítico da realidade. Para que possa existir tanto a denúncia como o anúncio o educando deve estar plenamente ciente de sua situação histórica (FREIRE, 1980, p. 28). Para ele, a

*conscientização está evidentemente ligada à utopia, implica em utopia. Quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para sermos anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos. (FREIRE, 1980, 28).*

Esse conhecimento crítico da realidade deve ultrapassar uma apreensão espontânea da realidade. (FREIRE, 1980, p.26). É exatamente aqui se estabelece a passagem de uma consciência ingênua a uma consciência crítica. Gadotti aponta que a aquisição deste conhecimento crítico da realidade:

*significa a passagem da imersão na realidade para um distanciamento desta realidade. A conscientização ultrapassa o nível da tomada de consciência através da análise crítica, isto é, do desvelamento das razões de ser desta situação para constituir-se em ação transformadora da realidade (GADOTTI, 1996, p. 91).*

E, uma vez que a conscientização deva conduzir a uma transformação da realidade, Freire indica que esta “não pode existir fora da *práxis*, ou melhor, sem o ato ação-reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens” (FREIRE, 1980, p. 26). E mais, segundo ele

*a conscientização, como atitude crítica dos homens na história, não terminará jamais... ... a conscientização, que se apresenta como um processo determinado deve continuar sendo processo no momento seguinte, durante o qual a realidade transformada mostra um novo perfil (FREIRE, 1980, p. 27)*

Em síntese, para que se dê a passagem da consciência transitiva ingênua/mágica para a consciência crítica é necessário que se processe no sujeito a conscientização

---

18. Tradução Livre da Citação de MARX-ENGELS apud FREIRE, 2005. p. 42.

acerca de sua própria realidade histórica. Somente a partir do reconhecimento de sua própria condição histórica é que o sujeito/educando poderá refletir e agir tendo em vista a transformação de sua própria realidade.

Contudo, esse processo de conscientização do sujeito deve ser realizado numa relação dialógica estabelecida entre os educadores e os educandos. Nessa relação dialógica, os educadores, partindo dos saberes-feitos de seus educandos, criarão condições necessárias para que o educando ao tomar consciência de sua condição histórica torne-se sujeito de seu próprio processo educativo (FREIRE, 1992, p. 85).

Segue daí, a necessidade de se pensar como estabelecer essa relação dialógica entre educadores e educandos. Portanto, para que haja conscientização é preciso que o diálogo seja estabelecido entre o educador e educando. Esse diálogo não deve ser entendido como uma relação vertical estabelecida entre os dois pólos daqueles que se comunicam. Pelo contrário, Freire define diálogo como uma relação horizontal entre A e B. Essa relação deve nutrir-se das seguintes características:

amor, da humildade, da esperança, da fé e da confiança<sup>19</sup>. Ao contrário, o que ele define como antidiálogo trata-se de uma relação vertical, na qual não se apresentam nenhuma destas características citadas, pois o antidiálogo “é desamoroso. É acríptico e não gera criticidade, exatamente porque desamoroso. Não é humilde. É desesperançoso. Arrogante. Auto-suficiente... .. Por tudo isso, o antidiálogo não comunica. Faz comunicados” (FREIRE, 2008, p. 115-116).

O diálogo não visa estabelecer o nivelamento entre educadores e educandos, este somente aponta para a posição democrática estabelecida entre eles. Freire declara que “os professores não são iguais aos alunos por *n* razões entre elas porque a *diferença* entre eles os faz ser com estão sendo. Se fossem iguais um se converteria no outro” (FREIRE, p. 117-118).

Uma vez que se reconheça que educadores e educandos entram em uma relação dialógica e democrática, pode afirmar que é através deste que os saberes-feitos dos educandos são reconhecidos e valorizados. O processo educativo deve ter seu início nestes saberes-feitos e partir deles desenvolver-se (FREIRE, 1992, p. 70). Isso é o que Freire chamou de Educação Problematizadora em oposição à Educação Bancária<sup>20</sup>.

Ao falar do antidiálogo Freire declara que neste não existe necessariamente comunicação, mas comunicados. Aqui os educadores não estabelecem uma relação dialógica com os educandos, pelo contrário, buscam somente comunicar, isto é, considerando que os educandos sejam ignorantes e os educadores os sábios,

---

19. Para Freire estas são as condições necessárias para a o diálogo. Ele as discute amplamente no tópico “Educação Dialógica e Diálogo” na Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 2005, p. 91-96).

20. A oposição entre Educação Bancária e Educação Problematizadora é central na Obra de Freire. Ele aponta que Educação Bancária encontra-se a serviço das elites dominantes e que esta produz a desumanização dos homens, enquanto a outra, Educação Problematizadora é aquela que possibilita aos homens tornarem sujeitos na história e agentes de seu próprio processo de humanização (FREIRE, 1969, p. 123-132; 2008, 67-78).

procuram transmitir conhecimentos/conteúdos aos educandos. A essa concepção de Educação Freire denominou “Educação Bancária”, e ela foi duramente criticada por ele. Em contraposição a essa concepção, Freire propõe a “Educação Problematicadora” (FREIRE, 1969, p.123-132). A primeira visa somente à manutenção das estruturas sociais na forma em que se encontram; ela está a favor das elites dominantes, pois não cria sujeitos pensantes, mas tão somente peças de reposição para o mercado. Na Educação Bancária, os educandos não são tratados como sujeitos, mas ao contrário, meramente como objetos recipientes do conhecimento. Mas, ao contrário, na Educação Problematicadora, os educandos devem, acima de tudo, tornarem-se sujeitos de seu próprio processo educativo. E como já se afirmou anteriormente, isto se dará através do processo contínuo de Conscientização e Diálogo.

Antes de se concluir o presente artigo, apresenta-se uma citação de Leonardo Boff presente no Prefácio da Pedagogia da Esperança e que resume bem a Pedagogia de Paulo Freire:

*Toda a pedagogia de Paulo Freire é uma permanente dialogação das pessoas entre si e de todas com a realidade circundante em vista de sua transformação. Destarte se forma a comunidade na qual todos, enraizados na realidade, aprendem uns dos outros, ensinam uns aos outros e se fazem parceiros na construção coletiva da história (BOFF in FREIRE, 1992, p. 6).*

## CONCLUSÃO

Os seres humanos, como seres inacabados, estão num processo de busca contínua de autorrealização. Isto é, os seres humanos querem *ser mais*. Entretanto, a história demonstra que por diversos motivos e de diversas maneiras são impedidos por outros seres humanos de cumprirem sua própria vocação ontológica.

Postula-se aqui o desafio a educadores e educadoras, a responsabilidade de desvelar essa realidade histórica que não permite aos seres humanos cumprirem essa vocação. Exatamente porque buscam cumprir essa vocação encontram-se abertos a serem educados. Mas, educação só será sinônimo de educação quando esta for de fato libertadora. Isto é, capaz de gerar nos educandos a consciência de sua própria condição histórica bem como a responsabilidade de se tornarem sujeitos do próprio processo de educação, e, dessa forma, do próprio processo de libertação.

Freire deixa o desafio, a educadores e educadoras, de resistindo aos projetos de educação desumanizadores, construam uma nova educação que não esteja somente baseada na vocação ontológica dos seres humanos de *serem mais*, mas que possa criar condições reais para o seu cumprimento.

## REFERÊNCIAS

CALADO, Alder Júlio Ferreira. *Paulo Freire: sua visão de mundo, de home e de sociedade*. Caruaru: FAFICA, 2001.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. *O Papel da Educação na Humanização*. Revista Paz e Terra, Ano IV, nº 9, Outubro, 1969, p. 123-132.

\_\_\_\_\_. *Educação e Mudança*. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. *Conscientização: Teoria e Prática da Libertação – Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Moraes, 1980.

\_\_\_\_\_. *Ação Cultural para Liberdade e Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. *Educação e Atualidade Brasileira*. São Paulo: Cortez Editora/Instituto Paulo Freire, 2003.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_. *Educação como Prática da Liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

GADOTTI, Moacir. *Pensamento Pedagógico Brasileiro*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

\_\_\_\_\_. A Voz do Biógrafo Brasileiro: A prática a altura do sonho. IN: GADOTTI, Moacir (Org.). *Paulo Freire. Uma Biobibliografia*. São Paulo: Cortez Editora / Instituto Paulo Freire, 1996.

JARDILINO, José Rubens. Paulo Freire, Filósofo, Pedagogia e Cientista Social: Singularidade e a Universalidade do seu Pensamento. *Revista Historia de la Educación Latinoamericana*, número 010, Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia, pp. 41-56.

MENDONÇA, Nelino Azevedo de. *Pedagogia da Humanização – A pedagogia humanista de Paulo Freire*. São Paulo: Paulus, 2008.

PEÑALONZO, Jacinto Ordóñez. O Corte Epistemológico de Paulo Freire. IN: GADOTTI, Moacir. *Paulo Freire. Uma Biobibliografia*. São Paulo: Cortez Editora/ Instituto Paulo Freire, 1996.